



SEPEX – Seminário de ensino, pesquisa e extensão da Uneal -
12 a 14 de agosto de 2025

**TÍTULO: Se Conhecer para Resistir: Identidade e Combate ao Racismo em
Pau D'Arco.**

Prof. Dr. Clébio Correia de ARAÚJO¹
Professor Supervisor e coordenador do Curso de Pedagogia em Educação
Escolar Quilombola¹
E-mail: clebio@uneal.edu.br

Amanda Estela SILVA²
Estudante do Curso de Pedagogia em Educação Escolar Quilombola²
E-mail: amanda.silva.parfor@alunos.uneal.edu.br

Gleyce Kelly dos SANTOS ³
Estudante do Curso de Pedagogia em Educação Escolar Quilombola³
E-mail: gleyce.santos.parfor@alunos.uneal.edu.br

Jacqueline Maria dos SANTOS 4
Estudante do Curso de Pedagogia em Educação Escolar Quilombola 4
E-mail: jacqueline.santos.parfor@alunos.uneal.edu.br

Jacquelaine Maria dos SANTOS 5
Estudante do Curso de Pedagogia em Educação Escolar Quilombola 5
E-mail: jacquelaine.silva.parfor@alunos.uneal.edu.br

Janaína Silva RODRIGUES 6
Estudante do Curso de Pedagogia em Educação Escolar Quilombola 6
E-mail: janaina.rodrigues.parfor@alunos.uneal.edu.br

E-mail do autor correspondente: e-mail: clebio@uneal.edu.br



SEPEX – Seminário de ensino, pesquisa e extensão da Uneal - 12 a 14 de agosto de 2025

RESUMO O presente trabalho tem como objetivo promover a reflexão crítica sobre o racismo estrutural e cotidiano que afeta os moradores da Comunidade Quilombola Pau D’Arco, localizada na zona rural de Arapiraca, Alagoas. Reconhecida como remanescente quilombola pela Fundação Cultural Palmares desde 2006, por meio da certidão de autodefinição, a comunidade é composta por mais de 3 mil habitantes que carregam uma rica herança cultural e histórica. Apesar de toda a ancestralidade e resistência presentes no território, o racismo ainda é uma realidade concreta, que afeta de forma direta a autoestima, a saúde mental, a convivência e o desenvolvimento das crianças, jovens e adultos quilombolas.

A metodologia utilizada neste trabalho baseou-se em ações de extensão desenvolvidas a partir de rodas de conversa, oficinas de sensibilização, dinâmicas de escuta ativa e entrevistas com moradores de diferentes gerações. Essas ações ocorreram em espaços comunitários e escolares, com destaque para a partilha de experiências sobre preconceito racial, discriminação e estratégias cotidianas de resistência. Também foram utilizadas referências teóricas sobre educação antirracista, identidade étnico-racial e políticas afirmativas.

Os dados levantados revelam que muitas situações de racismo vividas na comunidade são naturalizadas ou silenciadas, o que reforça o ciclo de exclusão e apagamento histórico. No entanto, também emergem vozes potentes, especialmente entre os mais jovens, que expressam a urgência de conhecer sua história, suas raízes e lutar por direitos. O fortalecimento da identidade quilombola, nesse contexto, surge como instrumento de transformação social, pois contribui para o sentimento de pertencimento, eleva a autoestima coletiva e fortalece o protagonismo da comunidade frente às injustiças sociais.

Conclui-se que combater o racismo exige muito mais do que denunciar o problema: é necessário criar espaços permanentes de diálogo, escuta e reconhecimento da diversidade. A escola, os espaços de convivência comunitária e as políticas públicas precisam ser atravessadas por práticas educativas comprometidas com a equidade racial. O caso da Comunidade Pau D’Arco nos mostra que o conhecimento da própria história pode ser uma das armas mais poderosas na construção de um futuro onde ser negro e quilombola não seja motivo de dor, mas de orgulho, respeito e liberdade.



SEPEX – Seminário de ensino, pesquisa e extensão da Uneal -
12 a 14 de agosto de 2025

Palavras-chave: Racismo, Identidade Negra, Comunidade Quilombola, Educação Antirracista.